



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

JÚLIA NEPOMUCENO DE CASTRO COELHO

**REY SKYWALKER: UM ESTUDO FEMINISTA SOBRE A
PERSONAGEM**

BRASÍLIA - DF

2022

JÚLIA NEPOMUCENO DE CASTRO COELHO

**REY SKYWALKER: UM ESTUDO FEMINISTA SOBRE A
PERSONAGEM**

Artigo apresentado à Faculdade de
Comunicação como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Organizacional.

Orientadora: Fabíola Calazans

Brasília – DF

2022

AGRADECIMENTOS

Ao meu padrinho de consideração, Cristian, por me ensinar a importância do pensamento crítico e me apresentar a minha coisa preferida na vida. Sem você, tudo sobre mim seria diferente.

Aos meus amigos, por sempre deixar cada porrada menos dolorosa e cada abraço mais quente. Grande parte da alegria de cada conquista é poder compartilhá-la com vocês. viva!

À minha família - Lidia, Zoraide, Camila, Vitor, Dani, Péricles, Jeferson, Kinha, Pedro e Bruno - sem seu amor constante o percurso seria mais longo e difícil. Obrigada por me guiarem até aqui.

À Larissa, por topar caminhar de mãos dadas comigo em tantas aventuras. Assim como han e leia, eu sei e você sabe.

À professora Fabíola Calazans, pela confiança desde o início do projeto, é uma honra aprender com você.

Ao meu pai, que sempre acreditou no meu potencial e esteve disposto a me entender como ninguém.

À minha mãe, agradeço simplesmente por tudo. Gratidão por me proporcionar a vida que tenho. Te amo além desse universo.

E por fim aos meus irmãos, Luca e Dudu, que daqui a uns anos serão obrigados a assistir pelo menos a trilogia original.

RESUMO

O presente artigo busca estudar o desenvolvimento da personagem Rey Skywalker, da Saga de filmes Star Wars, observando suas nuances em relação às teorias feministas no cinema, considerando o papel da mídia dentro da sociedade. Por meio de uma análise de conteúdo, foram examinados os filmes da trilogia mais recente da saga com o objetivo de compreender a relevância do imaginário social desenhado em torno da personagem, tanto em suas relações, quanto em sua construção individual. As estratégias de marketing antecedentes ao lançamento da trilogia colocam Rey como protagonista destacada da história, porém, mediante as análises presentes no trabalho, é possível perceber que a jornada da personagem é ofuscada por outras figuras masculinas do enredo, descentralizando-a com o passar dos filmes.

Palavras-chave: feminismo, cinema, Star Wars, Rey Skywalker.

ABSTRACT

The following article seeks to study the development of the character Rey Skywalker, from the Star Wars Saga, observing its nuances in relation to feminist theories in cinema, considering the role of the media within society. Through a content analysis, the films of the most recent trilogy of the saga were examined in order to understand the relevance of the social imaginary drawn around the character, both in their relationships and in their individual construction. The marketing strategies prior to the release of the trilogy place Rey as a prominent protagonist of the story, however, through the analyzes present in the work, it is possible to perceive that the character's journey is overshadowed by other male figures in the plot, decentralizing her over the films.

Key-words: *feminism, cinema, Star Wars, Rey Skywalker.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO	10
2. 1 Imaginário Social e Cultura da Mídia	10
2. 2 Movimento feminista e histórico da mulher no cinema	13
2. 3 Os feminismos em Star Wars	15
2.4 Quem é Rey?	19
2. 5 Rey e suas relações	25
2.6 Implicações culturais da personagem	27
3. CONCLUSÃO	29
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro pôster do “Despertar da Força”	20
Figura 2 - Pôster oficial do “Despertar da Força”	21

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o impacto causado pelo cinema ultrapassa a barreira do entretenimento e da informação, alcançando um entendimento maior do espaço-tempo em que vivemos. O audiovisual é capaz de captar sensações cotidianas, mesmo que de forma abstrata, e traduzi-las em narrativas fantasiosas e ficcionais. Nessa ótica, o filme se torna um meio de representação da própria vida, podendo refletir as ações, a imagem e as características de um indivíduo, ou grupo social, a partir de sua identidade.

O cinema foi estudado como um aparato de representação, uma máquina de imagem desenvolvida para construir imagens ou visões da realidade social e o lugar do espectador nele. Mas, [...] como o cinema está diretamente implicado à produção e reprodução de significados, de valores e ideologia, tanto na sociabilidade quanto na subjetividade, é melhor entendê-lo como uma prática significante, um trabalho de simbiose: um trabalho que produz efeitos de significação e de percepção, auto-imagem e posições subjetivas, para todos aqueles envolvidos, realizadores e espectadores; é, portanto, um processo semiótico no qual o sujeito é continuamente engajado, representado e inscrito na ideologia. (LAURENTIS, 1978, p. 37).

Por meio desse poder, o cinema consegue moldar o imaginário social e, também, a forma como o próprio sujeito se enxerga dentro de um contexto coletivo. Surge desse princípio a importância da representatividade nos espaços midiáticos de forma realista e não estereotipada, principalmente de minorias que já enfrentam grandes obstáculos sociopolíticos em suas vivências.

O cinema hollywoodiano tem sua trajetória marcada por fases que espelham a realidade histórica em que estão inseridas, retratando, de forma direta ou indireta, os valores e anseios do momento em que os filmes foram produzidos. Dessa forma, hoje em dia é possível pegar uma obra cinematográfica como a franquia Star Wars e analisá-la sob uma nova perspectiva, avaliando seu vínculo com o clima histórico e social das datas em que cada projeto da saga foi lançado.

A saga Star Wars é um dos fenômenos mais conhecidos da cultura pop moderna. Desde o lançamento do primeiro filme, Star Wars Episódio IV: Uma Nova Esperança, em 1977, o universo construído por George Lucas recebeu uma legião de fãs extasiados que acompanham com carinho e empolgação o decorrer da saga.

A trilogia original, lançada respectivamente nos anos 1977, 1980 e 1983, acompanha

o progresso do jovem Luke Skywalker ao descobrir sua relação com a Força e, também, sua tentativa de derrubar o Império Galáctico, um regime totalitarista liderado por Palpatine e Darth Vader. Além de Luke, os episódios IV, V e VI narram as jornadas de Han Solo, um contrabandista que se junta à causa da Aliança Rebelde; e Leia Organa, irmã de Luke e general da Aliança.

O sucesso da trilogia original proporcionou o lançamento dos episódios I, II e III ao longo dos anos 1999 e 2005. A segunda trilogia conta o prelúdio da história de Darth Vader/Anakin Skywalker, icônico vilão dos filmes iniciais e pai dos heróis Luke Skywalker e Leia Organa. A próxima fase da narrativa Star Wars acontece de 2015 a 2019 com os episódios VII, VIII e IX. Essa trilogia traz uma gama de novos personagens e novas histórias a serem contadas no vasto universo de George Lucas. No centro dessas histórias estão Finn, um desertor da Primeira Ordem; Poe, piloto da Resistência; e Rey, uma catadora de sucata que descobre ser sensível à Força.

No “Episódio VII: O Despertar da Força”, a protagonista Rey cresce sozinha no planeta Jakku e passa anos acreditando que seus desconhecidos pais, dos quais ela tem poucas lembranças, voltariam para reencontrá-la. A jornada de Rey começa quando ela encontra BB-8, um droide da Resistência, e o ajuda a se reunir com seu mestre, Poe Dameron. A partir desse ponto, Rey se junta à luta contra a Primeira Ordem e parte em busca do desaparecido Luke Skywalker para ser treinada por ele.

Além dos 9 filmes da franquia, Star Wars também conta com vários outros materiais complementares à sua história principal, como livros, filmes, HQs, séries, e animações, comprovando a magnitude da saga. Sendo assim, é vital analisar o impacto social de uma obra que, há tantos anos, inspira o mundo da cultura pop e da ficção científica. Produções que atingem esse nível de influência, exercem um papel de poder sob o público atingido, se tornando possíveis ferramentas de difusão de imagens que caracterizam a sociedade de seu tempo (DE ARAUJO MORAIS, 2012).

A inserção de personagens femininas em produtos midiáticos de grande relevância e circulação, resulta em um necessário estudo da óptica fabricada e das consequências dessa representação para a audiência. O presente trabalho foca, principalmente, na influência do movimento feminista em relação a construção da personagem feminina Rey no desdobrar da franquia. Será analisado: as personagens femininas que antecederam o protagonismo de Rey na franquia, seu desenvolvimento ao longo dos filmes, sua participação ativa na trama, suas

interações com outras figuras da narrativa e suas implicações culturais, a fim de compreender sua ligação com as teorias feministas no cinema.

Sendo assim, a partir dos pontos mencionados anteriormente, foi possível definir o seguinte problema de pesquisa para o artigo: “A construção da personagem Rey é influenciada pela teoria feminista e seus discursos?”. Tal questionamento tem o objetivo de compreender se existem interferências em sua jornada e construção, especificamente naquilo que tange os seguintes pontos: a importância do imaginário social voltado para o feminino, o histórico das personagens mulheres dentro da saga Star Wars e, por fim, as relações organizadas ao longo da trama.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram estudadas diversas possibilidades metodológicas, avaliando a melhor opção dentro do presente contexto. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), os métodos e processos de cada pesquisa científica variam de acordo com a necessidade do problema proposto, adequando-se ao tipo de informação com que se vai entrar em contato ao longo do estudo. Logo, a escolha metodológica há de ser compatível com o que se procura no objetivo final da pesquisa.

A seleção do instrumental metodológico está portanto diretamente relacionado com o problema a ser estudado: a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 163)

Sendo assim, como o intuito de solucionar a dúvida presente no problema de pesquisa e de enriquecer a interpretação em torno da personagem, será aplicada a análise de conteúdo e, simultaneamente, uma breve análise comparativa entre Rey e os demais personagens no decorrer do artigo. Segundo Bardin (1977), a metodologia de análise de conteúdo pode ser entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos às condições de produção das mensagens”.

Para colocar em prática a análise, Bardin (1977) sugere que o processo aconteça em 3 etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A primeira fase, de pré-análise, consiste na escolha do *corpus*, na formulação de objetivos e na elaboração de indicadores de avaliação. Sendo assim, ao aplicar o método, foram definidos os filmes da trilogia *sequela* (Episódios VII, VIII e IX) como *corpus* do trabalho, e, a partir das amostras observadas, definiu-se o objetivo de avaliar a seguinte hipótese: apesar de ser agenciada como protagonista principal e de representar avanços no que se refere ao imaginário feminino

dentro da saga, ainda existem resquícios de dominação masculina em torno de Rey, e seu arco dramático perde a força com o passar da trilogia.

A segunda parte do processo consistiu em uma análise metódica dos recortes do corpus definidos previamente, sendo eles cenas cruciais do desenvolvimento de Rey nos filmes, observando o desdobramento do roteiro e dos detalhes acerca da narrativa principal, para que assim fosse possível classificar e agrupar os eixos temáticos que envolvem a personagem. Alguns temas estabelecidos foram: a relação de Rey com figuras familiares/paternas, seu romance com Kylo Ren e sua conexão com os outros dois protagonistas da trilogia, Finn e Põe. Por fim, a partir dessa classificação, observando as questões que são levantadas dentro de cada um dos filmes, surgiram fundamentos para categorizar, descrever e inferir em cima da história de Rey, com base nos dados coletados.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Imaginário Social e Cultura da Mídia

Como visto anteriormente, o cinema e a televisão são potenciais técnicas de construção de sentidos e fazem parte das ferramentas usadas pela nossa cultura. Segundo Metz (1982), pode-se enxergar o audiovisual como uma técnica do imaginário social compreendida em dois sentidos, o primeiro sendo o comum da palavra, visto que os filmes consistem em relatos ficcionais que dependem do imaginário da fotografia e da fonografia. O segundo sentido do cinema como ferramenta do imaginário, ainda seguindo os conceitos de Metz (1982), é de uma ponderação do homem sobre o seu próprio reflexo e existência. É importante pontuar que essa técnica é peculiar de uma época histórica, a do capitalismo, e de um estado de civilização voltado à produção industrial.

Ademais, Baczkó (1985) afirma que, para interpretar as pluralidades da definição de imaginário social, pode-se explorar a terminologia de suas palavras-chave. Dessa maneira, entende-se “imaginação” como uma função fundamental da condição humana e “social” como um fenômeno duplo, tanto de representação dos atores sociais e suas relações de poder, quanto da atividade individual aplicada ao evento coletivo. Sendo assim, ainda de acordo com Baczkó, os estudos sobre a imaginação social não se propõem a fixar uma definição de competência psicológica autônoma e individual, mas sim de um aspecto da vida coletiva, da atividade global dos agentes sociais e a forma com que suas diversas especificidades aparecem na pluralidade dos produtos existentes.

É assim que através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento [...] de ordem em que cada elemento encontra o seu lugar, a sua identidade e a sua razão de ser. (Baczko, 1985, p. 309)

O imaginário social é, dessa forma, uma das forças reguladoras da vida em comunidade. Suas referências simbólicas não funcionam apenas como indicadores dos indivíduos que pertencem ao mesmo coletivo, mas moldam, também, o modo com que se entende as relações do sujeito dentro de tal coletivo, suas divisões internas e instituições sociais. Por exercer uma força efetiva de controle, o imaginário é um dispositivo eficaz quando, em especial, aplicado a exercícios de poder e autoridade. Conforme a obra de Baczko, tal dispositivo pode estimular a adesão do sujeito a um sistema de valores e atuar internalizando processos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, atraindo os indivíduos para uma ação comum. A partir dessas considerações, surge a importância de examinar os imaginários produzidos dentro de uma obra em larga escala como *Star Wars*, que traz debates acerca das noções de bem e mal, de inconformidade com o sistema e de pertencimento dentro de um coletivo.

Portanto, instrumentos de construção do imaginário social moderno, como o cinema, a televisão e as redes sociais, se relacionam diretamente com a visão da atual “cultura da mídia”, fabricada por representações visuais e verbais que englobam tudo aquilo que envolve a vida cotidiana, de como industrial e comercial, resultando em uma percepção da sociedade sobre fenômenos coletivos (KELLNER, 2001). Segundo Kellner (2001), a cultura da mídia pode se apresentar como um obstáculo para a democracia ao iterar discursos preconceituosos, intolerantes e estereotipados. Porém, ao mesmo tempo, pode viabilizar o avanço de pautas dos grupos oprimidos ao trazer representações mais positivas e realistas de raça, gênero, sexualidade, entre outros.

Considerando as forças dominantes do poder social, é fundamental compreender quem é favorecido pela dinâmica do sistema na produção de mensagens, para que assim, seja possível examinar com precisão o conteúdo midiático analisado, dentro do seu contexto histórico. Tendo em vista que o cinema é um dos artefatos culturais que mais contribuem para a construção de significados, torna-se substancial o cuidado ao produzir obras que detêm a capacidade de moldar pensamentos futuros, projetar angústias e criar novos olhares. Isto é, por meio de imagens, textos e sons, as técnicas de filmagem e montagem de uma obra

cinematográfica potencializam a reprodução de sentidos socioculturais, contribuindo para a consolidação de um imaginário contemporâneo.

[...] são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política, nas relações sociais e no meio político em que são criados, veiculados e recebidos.(KELLNER, 2001, p. 13)

Segundo Meehan (2002), a indústria hollywoodiana se aproveita de movimentos sociais com a intenção de capitalizar em cima dessas pautas, o que torna o discurso vazio e sem verdadeiro significado por trás. Ao invés de apenas celebrar essas “representações” é importante criticá-las para questionar quais agentes sociopolíticos operam por trás de grandes produções e se eles, de fato, têm interesse em conceder autonomia a grupos marginalizados.

As corporações conseguem encapsular as mensagens que existem dentro de lutas sociais e acabam por transformar ideias em produtos, conforme o interesse do mercado. De acordo com Meehan (2002), o que acontece no cenário midiático atual é: produtos que foram criados para o mercado universal - homens brancos de 18 a 34 anos - são repensados em elementos específicos e estratégias de marketing que apelam à um determinado nicho, como a audiência feminina, enquanto o produto geral - *big picture* - continua agradando ao público universal. Meehan (2002), seguindo o raciocínio de Smythe (1977), observa que dentro da operação de mercados nichados, o conteúdo midiático produzido é uma preocupação secundária, visto que a prioridade é agradar à audiência entregando as commodities manipuladas para cada nicho. Sendo assim, nesse contexto, é possível notar a importância de estudar a presença de personagens femininas como Rey, considerando que produções *blockbusters* do nível de Star Wars alcançam a massa e envolvem muitas pessoas pelos bastidores.

2. 2 Movimento feminista e histórico da mulher no cinema

Ao produzir um filme existem especificidades técnicas que compõem a linguagem cinematográfica, sendo algumas delas: o movimento de câmera, a iluminação de cena, a composição de imagens, o enquadramento fotográfico, a montagem de cenário e tantas outras que colaboram para a construção de sentidos. Competências como figurino, maquiagem e luz,

quando combinados às motivações do enredo, podem induzir a determinados significados dentro de uma narrativa. Conseqüentemente, por meio desse imaginário, o cinema atinge uma posição de representação da realidade social, delineando um conjunto de visões em que o espectador se conecta e se inspira.

O cinema é particularmente propenso a dar essa aparência de “naturalidade”, devido às suas qualidades significantes específicas, em especial pelo fato de que a imagem filmica, ao fundamentar-se no registro potencial da fotografia unido à projeção de uma imagem aparentemente móvel, apresenta toda a aparência de ser “uma mensagem sem código”, uma duplicação não mediatizada do “mundo real”. (KUHN, 1991, p. 99)

Por meio desses códigos de linguagem, o cinema americano, ligado aos grandes estúdios, produz sentidos que repercutem e vão sendo incorporados socialmente com o passar do tempo. O monopólio que a indústria hollywoodiana ainda exerce no mercado, permite que as narrativas clássicas sintetizadas por essa indústria sirvam de modelo para as cinematografias de todo o mundo, transcendendo suas fronteiras e povoando o imaginário ocidental (GUBERNIKOFF, 2009). Essa manipulação intencional é aceita pelo público, possibilitando que, além das produções audiovisuais, sejam propagados também valores e ideologias ligadas à elas.

Muitas das narrativas tradicionais de Hollywood, que permeiam mundo afora, são inspiradas nas figuras dos arquétipos. A ideia de que existem elementos inatos na percepção da história humana é estudada desde as teorias filosóficas de Platão (ANAZ, 2020) e, mais pra frente, esse conceito é desenvolvido e popularizado por Carl Jung.

[...] inserido num contexto de novas teses antropológicas e etnográficas sobre as narrativas míticas e baseado principalmente nos achados de sua experiência clínica e no estudo das mitologias e de pesquisas empíricas etnográficas, Jung (2014) desenvolve a hipótese de que o ser humano é dotado de uma estrutura psíquica que contém imagens primordiais, universais e atemporais. Ele dá a essas imagens o nome de “arquétipos”. (ANAZ, 2020, p. 253)

Nesse sentido, os arquétipos se materializam dentro de criações narrativas em forma de imagens psíquicas peculiares, sendo interpretados de forma inconsciente pelo indivíduo. As jornadas tradicionais contadas pelo cinema americano, fazem uso dessas interpretações inconscientes e operam, muitas vezes, repetindo fórmulas de idealização dos personagens.

Definir com precisão o que é o feminismo não é uma tarefa simples, visto que o conceito está sendo diariamente construído e que existem diversas vertentes organizadas a partir dele. Assim como todos os movimentos, o feminismo passa por fases de transformação

constantes e, segundo Acselrad (2015), é preciso cuidado especial quando dirigimos nosso olhar moderno a épocas em que a própria subjetividade era configurada de forma totalmente diversa.

Para Alves e Pitanguy (1985), pode-se caracterizar o movimento feminista como uma auto-organização de mulheres em várias junções, compartilhando suas vivências e fortalecendo umas às outras, criando espaços seguros de cursos, debates, pesquisas, campanhas, manifestações culturais e outras formas de expressão e práticas.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES & PITANGUY, 1985, p.9).

Num contexto histórico, as primeiras articulações do movimento aconteceram no início do século XX, na Inglaterra, onde as mulheres reivindicaram principalmente seu direito ao voto (PINTO, 2010). Por volta da década de 1960, acontecimentos políticos e culturais culminam no reforço da luta por causas identitárias e, a partir dessa conjuntura, o feminismo recebe novos estímulos para ressurgir. Nesse novo momento, como cita Pinto (2010), “o feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.”

Desde então, o movimento feminista cresce e evolui diariamente, servindo de base para novos estudos que envolvem todo tipo de vivência feminina. Os ideais feministas possibilitam a compreensão do papel e da representação da mulher em várias esferas, incluindo no âmbito midiático.

De acordo com Stam (2000), as primeiras manifestações do feminismo nos estudos de cinema ocorreram com o surgimento dos festivais de cinema de mulheres, em Nova York e Edimburgo, em 1972. Durante essa mesma época, a partir da segunda onda do movimento feminista, a teoria feminista do cinema constatou que a posição das mulheres nos enredos dos filmes hollywoodianos sempre foi a do outro, nunca a de sujeito da narrativa, e que sempre foram tratadas como objetos do voyeurismo masculino (GUBERNIKOFF, 2009).

Dessa maneira, os estereótipos impostos à representação da mulher no cinema trabalhavam como mais uma forma de opressão, impondo a imagem de objeto, anulando seu lugar de protagonismo e reforçando seu papel perante a sociedade da época.

Afirma-se que o cultural é uma área de intervenção da ideologia, e se a imagem representada da mulher é uma imagem estereotipada, pode-se dizer que a construção social da mulher, aquela trabalhada pelas diferentes mídias (seja por revistas e anúncios, seja por cinema e televisão) é baseada em critérios preestabelecidos socialmente e impõe uma imagem idealizada da mulher. (LAURETIS, 1978, p. 28)

Percebe-se, por meio dos estudos feministas dos anos 70, que a narrativa da mulher dentro de uma trama está sempre conectada a algum componente masculino. A partir dessas construções, criam-se estereótipos acerca da imagem feminina que são disseminados até hoje. Por exemplo, narrativas clássicas reforçam uma relação entre sexualidade e feminilidade, colocando o espectador sempre em uma posição de desejo diante da mulher (GUBERNIKOFF, 2009). Com o passar do tempo, tais imagens, quando reproduzidas no cinema, são incorporadas socialmente e vistas como parte da identidade feminina.

(...) a representatividade feminina nos filmes de circuito comercial é bastante problemática: há o silenciamento das vozes, a invisibilização de personagens, a hipersexualização e objetificação dos corpos e a heteronormatividade compulsória que permeia a abundante maioria das relações nas telas. (DUTRA, 2017, p.8)

2. 3 Os feminismos em Star Wars

Nos últimos anos, Hollywood vem encarando grandes controvérsias a respeito do papel limitado que as mulheres exercem dentro da indústria, tanto nos bastidores quanto nos holofotes das obras cinematográficas. Em resposta a esse movimento, algumas produções se propuseram a construir filmes com diversidade em sua equipe, incluindo mais mulheres protagonistas e com participação expressiva na trama, como é o caso de Rey na trilogia mais recente de Star Wars. Com a finalidade de compreender a progressão das imagens femininas no decorrer da saga, irei analisar o histórico de personagens mulheres com papéis expressivos em Star Wars até o momento do protagonismo de Rey Skywalker.

Nos episódios IV, V e VI, lançados entre 1977 e 1983, apenas duas mulheres possuem participação significativa, com diálogos e interações ao longo dos filmes, sendo elas: Leia Organa, membro da Aliança Rebelde; e Beru Lars, tia e cuidadora de Luke Skywalker ao

longo da infância e adolescência do herói. Somando o tempo de duração dos três episódios mencionados, encontra-se o resultado de 376 minutos totais na primeira trilogia, nos quais Leia aparece em, aproximadamente, 57:30 deles e Beru por apenas 1:45 minutos. Apesar da disparidade dos números, as duas personagens são relevantes na história e têm participações em outros filmes da franquia, porém, apenas Leia se relaciona diretamente com Rey, personagem foco do artigo.

Os 8 minutos iniciais da obra “Star Wars: Episódio IV - Uma nova esperança”, primeiro filme da saga criada por George Lucas, apresentam Darth Vader, do Império Galáctico, perseguindo e capturando a nave de Leia Organa, princesa do planeta Alderaan, senadora da Nova República e membro da Aliança Rebelde. A cena funciona, também, como uma introdução à personagem, mostrando características como coragem e persistência, expondo a maneira com que Leia não hesita em argumentar contra seus sequestradores e está sempre a desafiá-los a todo momento. Seu espírito de liderança e devoção a seus princípios, colocam Leia Organa em essenciais posições de envolvimento político e estratégico ao longo da saga.

Na trilogia original, Leia é membro do Senado Galáctico e princesa do seu planeta natal Alderaan, e na mais recente trilogia, dos episódios VII, VIII e IX, a personagem comanda a Resistência contra a Primeira Ordem, tornando-se General Leia Organa. Além disso, a personagem desenvolve um romance com Han Solo, um capcioso contrabandista que acaba se juntando à Aliança Rebelde. Ao lado de Luke Skywalker, os três formam o trio de personagens principais da trilogia original. No Episódio V: Império Contra-Ataca, Leia e Luke também passam por um breve momento de tensão romântica, o que resulta em um conflito entre as três figuras centrais da história, dado o interesse de Han por Leia. Ademais, outro momento de destaque da personagem acontece no último episódio da trilogia, quando Luke e Han resgatam Leia do chefe do crime Jabba o Hutt. Durante a cena, Leia está acorrentada e usa apenas um biquíni dourado que, segundo a atriz Carrie Fisher, intérprete de Leia na saga, a deixou desconfortável e tensa durante as gravações¹. Em uma entrevista de 2016 para a rádio americana NPR, a atriz afirma: “Não foi minha escolha, quando [George Lucas] me mostrou a roupa, achei que ele estava brincando e isso me deixou muito nervosa.”. Além disso, Leia, sendo filha de Darth Vader e conseqüentemente irmã gêmea de Luke, também é sensível à Força. No “Episódio IX: Ascensão Skywalker”, são reveladas partes do

¹ <https://www.npr.org/transcripts/503580112>

seu treinamento Jedi ministrado por Luke, porém, a personagem decide não seguir esse caminho até o fim, na intenção de proteger seu filho, Ben Solo. Portanto, Leia abandona sua prática com a Força, dando foco à carreira política e à criação de Ben.

Em suma, grande parte dos acontecimentos que envolvem Leia são de caráter romântico e/ou sexual, criando uma atmosfera de objetificação ao longo de sua trajetória e induzindo o público a criar esse imaginário em torno da personagem. Apesar desse fator, Leia também tem cenas de representação positiva, em que a personagem toma decisões ativas sobre seu caminho na trama e demonstra fraquezas que a tornam mais tangível, aumentando o nível de identificação que a audiência tem para com a personagem. Assim sendo, Leia é a primeira e principal referência feminina da saga até hoje, seu legado extrapola o universo de Star Wars e a personagem é vista como uma das figuras mais icônicas na história da ficção científica e do cinema.

A segunda trilogia de Star Wars, que engloba os episódios I, II e III, apresenta duas mulheres com papéis consideráveis e de influência na trama, Shmi Skywalker e Padmé Amidala. Residente do planeta Tatooine, Shmi é uma escrava que milagrosamente dá à luz a Anakin Skywalker, que viria a ser Darth Vader no futuro, e Padmé é membro do Senado nos anos finais da República Galáctica e esposa de Anakin. Dos 418 minutos totais da trilogia, Shmi aparece durante 9:15 minutos, enquanto Padmé participa de 72 minutos.

No enredo da história, Shmi é caracterizada como uma mãe preocupada e cuidadosa, que deseja libertar seu filho da vida de escravidão marginalizada em Tatooine e, por isso, permite que Anakin seja treinado pelos caminhos da Força a fim de se tornar um Jedi. No segundo filme da trilogia, após a partida de Anakin, Shmi segue sua vida em Tatooine, casando novamente e libertando-se da posição de escrava. Anos depois, a morte de Shmi no “Episódio II: Ataque dos Clones” é um dos principais acontecimentos que motivam Anakin a juntar-se ao lado negro da Força, sendo um evento traumático que o faz refletir sobre a extensão de seus poderes.

Em adição, a história de Padmé na saga é marcada por sua liderança política, sendo símbolo na luta por paz e democracia nos anos finais da República Galáctica. Eleita rainha do seu planeta natal Naboo aos quatorze anos, Padmé sempre se destacou por sua inteligência e diplomacia, e consolidou seu papel governamental durante o período conturbado vivido nas na crise separatista da República. O confronto separatista era, de forma sucinta, um plano para desmantelar o governo vigente e instaurar o regime imperial na galáxia. Por ser vista

enquanto uma grande ameaça a tais planos, Padmé é colocada como alvo da oposição, sofrendo tentativas de assassinato e sequestro ao longo da trilogia.

Outro elemento primordial da narrativa da personagem é seu relacionamento com o Jedi Anakin Skywalker, visto que ele vive sob um código de conduta que o proíbe de formar laços individuais, como o amor familiar e romântico, e, sendo assim, sentenciando-os a viver uma relação escondida e condenada. O casamento dos dois desencadeia na aproximação de Anakin com o Lado Negro da Força e, a partir da gravidez de Padmé no terceiro episódio da trilogia, o Jedi se deixa levar pelo medo e raiva, se entregando às articulações dos Sith. Em seguida, Padmé entra em trabalho de parto dando à luz a Luke e Leia, e logo após, ao descobrir que Anakin havia cedido ao Lado Negro, a personagem perde suas forças e morre em decorrência de sua melancolia. As últimas palavras de Padmé insistem que ainda existe bondade dentro do antigo Anakin Skywalker, que assume a figura de Darth Vader ao longo do regime Imperial Galáctico nos anos seguintes.

Por fim, apesar de sua influência diplomática e suas inclinações políticas, as aparições de Padmé nos episódios da trilogia são descentralizadas em relação à magnitude da história, de forma que as resoluções de conflitos que a personagem participa acontecem, quase sempre, fora da tela e em paralelo ao que é transmitido nas cenas do filme. Padmé tem mais presença nas séries e livros derivados da saga Star Wars, tendo sua jornada evidenciada nesses meios, porém, tais mídias não são tão consumidas pelo espectador comum quanto os lançamentos cinematográficos da franquia. Assim como Leia, a maioria das cenas de Padmé giram em torno de um contexto amoroso, principalmente a partir do episódio II da trilogia, em que Padmé e Anakin declaram seus sentimentos um pelo outro e se casam em segredo. A mudança de ambiente da personagem revela uma sutil troca de prioridades ao longo da trilogia, uma vez que o roteiro secundariza as responsabilidades governamentais de Padmé em favor de sua conexão com Anakin. Consequentemente, a audiência é afastada da personagem como indivíduo, visto que suas principais conquistas e habilidades tornam-se ofuscadas pelo enredo que envolve a dinâmica entre o casal.

Além disso, existem outras mulheres importantes no conjunto da franquia, nomes como Jyn Erso, Sabine Wren, Ahsoka Tano, Mon Mothma, Hera Syndulla e Asajj Ventress são figuras significativas de participação e protagonismo nas séries, livros e histórias em quadrinho derivadas do universo dos filmes. Porém, considerando o fato de que a audiência

mainstream não consome de forma tão voraz as mídias secundárias da saga, o presente trabalho não irá expandir seus estudos a elas.

Em conclusão, os exemplos femininos da franquia até a chegada de Rey eram, além de poucos, deficientes em alguns aspectos. Em conformidade com o que Dutra (2017) relata, a representação feminina em Star Wars ainda carrega problemáticas como a invisibilização, hipersexualização e silenciamento das personagens. Apesar de seus pesos na história, Padmé e Leia funcionam como ferramentas coadjuvantes, em benefício de parceiros masculinos como Luke, Han, Obi-Wan e Anakin, o que resulta em suas ambições e objetivos sendo constantemente desviados do foco e esquecidos pelo meio da trama. Entretanto, são personagens majoritariamente amadas pelo público e seu legado é carregado para além das obras cinematográficas que estão inseridas.

2.4 Quem é Rey?

Em outubro de 2012, é anunciada a aquisição da Lucasfilm, empresa responsável pela idealização e produção da saga Star Wars, pela Walt Disney Company e com isso surgem os planos de fazer uma nova trilogia de episódios da franquia². Essa nova trilogia teria início com o Episódio VII: Despertar da Força, sendo o primeiro filme de Star Wars a ser produzido sem o envolvimento de George Lucas desde a concepção da saga em 1970. Dois anos depois da aquisição da Disney, em abril de 2014, o elenco da próxima trilogia é divulgado, trazendo novos rostos para interpretar o grupo de personagens principais, Rey, Finn Poe, e o novo antagonista da franquia, Kylo Ren.

A história desse próximo filme se passa trinta anos depois dos eventos narrados no Episódio VI: O Retorno do Jedi, e sua sinopse, de acordo com a descrição do site oficial de Star Wars, é baseada em uma nova ameaça surgindo na forma da Primeira Ordem e seu líder Kylo Ren, enquanto isso, Rey, uma catadora de sucata, descobre poderes que podem mudar sua vida - e potencialmente salvar a galáxia. Logo desde as primeiras notícias sobre o filme, Rey é colocada em papel de destaque ao lado dos outros novatos na franquia, Finn, Poe e Kylo Ren.

No período da nova trilogia, a indústria cinematográfica está passando por um movimento de revolução no mercado com atrizes demandando igualdade salarial,

² **Disney compra Lucasfilm e anuncia novo 'Guerra nas estrelas' para 2015.** Globo, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2012/10/disney-compra-lucasfilm-e-fara-novo-guerra-nas-estrelas-em-2015-diz-site.html>.

denunciando abusos vividos nas produções, e trazendo conversas sobre a falta de diversidade de gênero dentro da indústria como um todo. As manifestações foram por uma Hollywood menos sexista, com oportunidades e pagamento iguais para mulheres, maior e melhor representatividade, assim como a importância de existirem mais protagonistas femininas³.

Sendo assim, a divulgação de Rey como protagonista da nova trilogia tem um impacto enorme dentro do contexto social e histórico, considerando que ela seria a primeira mulher a ser o centro da jornada em um filme Star Wars. Levando em conta a dimensão desse fato, se faz essencial examinar a inserção da sua figura em uma produção de nível global, a fim de compreender os impactos de sua representação no público e a forma como é criado um imaginário em torno da personagem, visto que Rey passa a ocupar um lugar historicamente reservado a figuras masculinas.

O gênero cinematográfico instrumentaliza a reprodução dos comportamentos culturais dentro de um conjunto de valores socioculturais e linguísticos, atuando como um artefato cultural de ordem simbólica que contribui para a consolidação do imaginário contemporâneo. (PIRES E SILVA, 2014, p. 609)

As primeiras informações, como trailers, pôsteres e teasers, acerca do recém anunciado episódio VII aconteceram durante a Star Wars Celebration, uma convenção de fãs da saga que acontece anualmente. Na edição de 2014, o público recebe uma apresentação exclusiva do primeiro pôster com os novos personagens da trilogia, no qual vemos Rey centralizada à frente, dividindo a arte entre Finn, que segura um sabre de luz, e Kylo Ren, que representa o lado vilanesco da história. Ainda nesse pôster, percebe-se a presença de somente um personagem antigo na saga, Han Solo, que aparece no canto inferior esquerdo da figura, ao lado do título do filme.

Figura 1 - Primeiro pôster do “Despertar da Força”

³SETOODEH, Ramin. How Women in Hollywood Are Finally Taking a Stand Against Sexism. Variety, 2015. Disponível em: <https://variety.com/2015/film/news/hollywood-feminism-womens-rights-sexism-1201610580/>. Acesso em:



Fonte: IGN Brasil

O próximo pôster divulgado é o definitivo do filme, pronto para ser divulgado nas salas de cinema. Na arte é possível analisar que Rey permanece com a parte mais chamativa, mantendo a posição de figura central e alimentando a interpretação de que a personagem é protagonista não só do próximo filme, como também de toda próxima trilogia. Além disso, o bastão de Rey está posicionado em encontro ao sabre de Kylo Ren, o que cria um efeito de divisão mas ao mesmo tempo insinua uma particularidade de forte conexão entre os dois. Outro aspecto do pôster é o posicionamento dos heróis antigos da saga, que aparecem todos na parte inferior da peça, sugerindo uma integração entre a nova e a antiga geração da franquia, com os personagens predecessores assumindo papéis de guias, mestres e fontes de conhecimento para com os novatos.

Figura 2 - Pôster oficial do “Despertar da Força”



Fonte: Star Wars - Site Oficial

O primeiro filme da trilogia de Rey, Episódio VII: O Despertar da Força, é a obra em que a personagem tem maior destaque em relação aos outros filmes da franquia. Por apresentar novos personagens e pela necessidade de posicionar o espectador dentro da história, o episódio dedica um bom tempo da narrativa à sua introdução. As primeiras cenas de Rey a posicionam como uma pessoa solitária e apegada aos mistérios mal resolvidos de seu passado. Porém, ao mesmo tempo, Rey é uma figura cheia de compaixão, generosidade e que se adapta com facilidade ao ambiente hostil em que vive. Um fator positivo a ser mencionado é que, em momento algum, Rey é retratada de maneira objetificada em sua introdução, a personagem mantém roupas comuns ao longo do filme e não faz uso de sua sexualidade para conseguir o que quer. Mais adiante na obra, Rey se mostra fascinada ao conhecer Han Solo e ao descobrir que as lendas envolvendo a Força e os Jedi são verdadeiras. A morte de Han, executada por Kylo Ren no final do filme, impulsiona Rey a continuar sua busca por Luke Skywalker, mestre desaparecido, e além disso, instiga a personagem a derrotar Kylo Ren, com a finalidade de vingar a morte de Solo.

Grande parte do apelo da nova trilogia é baseado nos mesmos sentimentos de nostalgia e admiração experienciados por Rey, uma vez que, assim como a personagem escutou tais lendas durante sua infância, o público fanático cresceu acompanhando o desenrolar da saga e criando uma relação íntima com os personagens das trilologias anteriores. A nova sequência de filmes, VII, VIII e IX, é lançada 10 anos depois do último filme focado na família Skywalker, logo, a trilogia recente tem o desafio de cativar novos espectadores para a saga, além de contentar os fãs antigos. Nesse sentido, o *Despertar da Força* é cauteloso na tentativa de respeitar o legado de personagens como Luke, Han e Leia, trazendo-os como heróis e figuras de prestígio dentro da narrativa. Consequentemente, Rey divide o posto de protagonista com esses heróis, sendo ocasionalmente ofuscada pela magnitude que tais personagens trazem para a história, resultando em uma relação de subordinação entre Rey e essas figuras vistas por ela como mestres, guias e exemplos.

O próximo filme da trilogia, *Episódio VIII: Os Últimos Jedi* mostra Rey encontrando Luke Skywalker e insistindo para que ele a treinasse nos caminhos da Força. Luke demonstra certa resistência de início, por sentir os primeiros sinais de conflito em Rey e com receio de que ela sucumba ao Lado Negro assim como seu último pupilo, Kylo Ren. Entretanto, Luke aceita prosseguir com o treinamento. Em paralelo, a ligação entre Rey e Kylo Ren é estreitada, com os dois se comunicando por meio de um vínculo na Força. A partir desse vínculo, os dois desenvolvem uma relação quase íntima, fortificada pelo fato de que Kylo quer converter Rey ao Lado Sombrio, ao mesmo tempo que Rey sente que consegue trazê-lo de volta para o bem.

No decorrer do filme, Rey continua sem saber quem são seus pais e porque eles a abandonaram, resultando em muitos questionamentos sobre a linhagem da personagem. Em determinado momento, Kylo Ren sente esse ponto sensível e tenta usar a fragilidade da questão com o propósito de atrair Rey para o seu lado. Após afirmar que os pais de Rey não eram importantes e que, na verdade, eram apenas pessoas comuns que a abandonaram, Kylo diz a ela: “Não há lugar para você nessa história. Você veio do nada. Você não é ninguém. Mas não para mim. Junte-se a mim. Por favor.”. Rey nega os avanços de Kylo e o *Episódio VIII* acaba com Luke Skywalker se sacrificando em prol da Resistência, ato esse que pode ser interpretado como uma desmoralização do papel de Rey como figura protagonista e heroína da história.

A sinopse do Episódio IX: A Ascensão Skywalker, filme que encerra a trilogia mais recente, envolve o retorno do antigo imperador Palpatine, também conhecido como Darth Sidious e mestre de Darth Vader. Com o regresso do vilão da trilogia original, uma reviravolta acontece na trama: Rey descobre que é neta de Palpatine e que essa descendência direta pode conectá-la ao Lado negro da Força. Em paralelo, no decorrer da trama, Rey e Kylo Ren continuam estreitando seu vínculo, passando por momentos de rivalidade e de cumplicidade um com o outro. Tal processo é sempre acompanhado de uma tensão romântica entre os dois e resulta em sentimentos conflitantes, uma vez que Kylo e Rey representam polos opostos dentro da história.

O ato final do filme mostra Palpatine tentando convencer Rey a juntar-se a ele, oferecendo poder ilimitado, assim como ofereceu à Anakin Skywalker quando transformou-o em Darth Vader. Porém, Rey se recusa e recebe a ajuda de Kylo para derrotar o avô. A redenção de Kylo Ren acontece no seu sacrifício final, quando, por meio de uma movimentação na Força, ele doa o que sobrou de sua força vital para trazer Rey de volta à vida. Encerrando os acontecimentos do último episódio, Rey parte para o planeta Tatooine, na intenção de enterrar os pertences de Luke e Leia, homenageando-os em suas mortes. Ao chegar lá, uma criatura, moradora do planeta, pergunta a Rey seu nome e ela responde dizendo “Rey Skywalker”. Essa mudança na identidade da personagem demonstra o momento em que Rey decide retomar sua própria narrativa, não se deixando definir por sua linhagem mas sim pelas influências familiares que estiveram disponíveis a ela até então.

Por fim, um fator a ser levado em consideração quando analisamos o desenvolvimento da personagem Rey são os bastidores de cada produção na trilogia. Cada episódio lançado foi escrito por uma equipe diferente de roteiristas, o que causa a impressão de que a história de Rey, e da jornada como um todo, não foi planejada do início ao fim com antecedência. As temáticas tratadas em cada filme da trilogia variam de forma nítida; o primeiro filme introduz os personagens e trata com muita cautela as figuras já conhecidas na história, explorando o sentimento de nostalgia envolvido no relançamento da franquia; o segundo filme tem uma abordagem provocativa, desafiando a filosofia dos Jedi, questionando conceitos apresentados anteriormente e colocando uma nova faceta em personagens que o público julgava já conhecer por completo; a terceira obra busca retomar as questões do primeiro episódio da trilogia, voltando o foco para figuras familiares e ressaltando a ação do destino dentro da história. Sendo assim, o arco narrativo de Rey é enfraquecido por essas disparidades colocadas ao longo de cada lançamento, passando para a audiência a sensação

de que sua história é escrita através de momentos, sem considerar uma linha principal que guie as aspirações da personagem do início ao fim.

Portanto, a participação ativa de Rey na trama é afetada quando consideramos, por exemplo, a maneira como a personagem se envolve no conflito “Resistência x Primeira Ordem”. Ao ser introduzida no Episódio VII, Rey não demonstra interesse em participar do movimento da Resistência, nem nenhum tipo de descontentamento com as forças opressoras da Primeira Ordem, sua única motivação, que a mobiliza de fato, é o reencontro com seus misteriosos pais. Logo, Rey se envolve no conflito de forma inesperada, sem preparo ou contexto prévio, provocada não por um senso de justiça, ou por querer elevar seu status de poder, mas sim por um “chamado da Força”, ou seja, por movimentações do destino que a levam a cumprir seu papel num caminho predestinado.

2. 5 Rey e suas relações

Levando em consideração a trama de cada filme percebe-se que, no decorrer da trilogia, as escolhas da protagonista Rey estão, constantemente, conectadas com a visão de outros personagens, majoritariamente masculinos. No Episódio VII, Rey nutre uma admiração por Han Solo, enquanto no Episódio VIII, a atenção é voltada para sua relação com o mestre Luke e para o recém descoberto vínculo com Kylo Ren. Por fim, a jornada de Rey no terceiro filme da trilogia, Episódio IX, é moldada a partir dos seus laços com Palpatine. Com base na análise feita em cima da personagem, é notável que o apego criado por Rey, em relação a essas figuras citadas, é fruto direto da ausência de seus pais, uma vez que a protagonista está em um busca constante para preencher a lacuna familiar existente dentro de si. Em uma cena do segundo episódio da trilogia, Kylo diz a Rey: “Seus pais te descartaram como lixo. Mas você não consegue parar de precisar deles. É sua maior fraqueza. Procura por eles em todos. No Han Solo, agora no Skywalker.”, o que coloca ainda mais em evidência essa interpretação da necessidade de Rey.

Dessa maneira, no fim da trilogia, quando Rey é confrontada por Palpatine com a possibilidade de sucumbir ao Lado Negro, a tentativa do vilão fracassa no enredo e, também, na visão do público. Considerando que a motivação da personagem é focada sempre em entender os mistérios do seu passado e em defender seus novos amigos, quando Palpatine a oferece o controle da galáxia e mais poder, o público não duvida em momento algum que Rey

fará a escolha certa, visto que a personagem jamais expressou interesse por autoridade, dominância, supremacia ou algo nessas competências. Sendo assim, esse desafio é minimizado dentro e fora da trama, tendo em mente que Rey sempre é mostrada como uma figura de ética e moral fortes, sem grandes aspirações de poder.

Outro elo importante na trajetória da protagonista, são os outros dois componentes do trio principal, Finn e Poe. Em cada trilogia da saga Star Wars, são definidos três personagens para compor a evolução central da história; na trilogia original temos Han, Leia e Luke e na trilogia dos episódios I, II e III são apresentados Obi-Wan, Padmé e Anakin como substanciais na trama. Entretanto, ao examinar o trio dos filmes mais recentes, é evidente que falta desenvolvimento dentro de sua relação ao longo da história. Rey e Poe se conhecem somente nas cenas finais do segundo episódio da trilogia e suas interações se limitam a pequenos diálogos. Além disso, a dupla cultiva uma relação conflituosa no próximo filme, discordando sobre os próximos passos a serem tomados pela Resistência e fazendo com que Finn sirva de intermediário entre os dois. A falta de dedicação aos aspectos que tangem o trio, causa um afastamento no imaginário do público em relação aos três, ocasionando em protagonistas mais vazios, principalmente quando comparados ao patamar de ícone que os trios anteriores atingiram.

Em resumo, a imagem que é vendida de Rey como protagonista principal da nova trilogia não se concretiza completamente ao longo dos três filmes. Um dos fatores que impede essa materialização é que a personagem está, repetidamente, submetida à presença e arcos narrativos de figuras que são, em sua maioria, homens, sendo eles mestres ou antagonistas. Consequentemente, Rey acaba tendo que disputar um espaço de prestígio dentro de seus próprios filmes, uma vez que ela divide holofotes com personagens como Luke e Han Solo, que já ocupam um lugar estimado no imaginário social da audiência. Portanto, assim como Leia e Padmé tiveram seu desenvolvimento cortado a favor dos seus pares masculinos, o envolvimento de Rey na narrativa vai sendo subjugado e seu protagonismo é reduzido às escolhas de outros personagens. Entretanto, ainda em comparação às outras personagens femininas da saga, Rey não tem nenhuma inclinação política, seu papel é restrito ao combate, sem grandes atribuições em relação à organização estratégica e democrática da Resistência.

2.6 Implicações culturais da personagem

Desde o anúncio do elenco em 2014, a trilogia recente é assolada por rejeição do público principalmente no que se refere à escolha dos novos protagonistas da saga. De acordo com uma pesquisa feita pela empresa GWI⁴, especialista em análise de dados, a *fanbase* da saga Star Wars é demograficamente extensa. Segundo a pesquisa, 1 em cada 4 usuários da internet se denominam fãs da franquia, e 60% desses apreciadores são homens cis. Além disso, os números apontam que a idade dos fãs está em média entre os 16-64 anos. Os dados da pesquisa apontam que a comunidade em torno da saga é abrangente de diversos grupos sociais, entretanto, uma parcela desse conjunto é abertamente racista, machista e homofóbica, tendo provocado uma tempestade de ataques contra os atores envolvidos na nova trilogia.

Os principais alvos dessas agressões eram Daisy Ridley e John Boyega, que interpretam Rey e Finn, por razões fundamentadas puramente em preconceito, visto que toda a rejeição se dava pelo fato de uma mulher e um homem negro estarem protagonizando a nova era de Star Wars. Além disso, os ataques vindos do público não se limitaram somente aos rostos da trilogia mas, também, à produção incluída atrás das câmeras. A presidente da Lucasfilm, empresa de George Lucas adquirida pela Disney e atual responsável pela franquia, Kathleen Kennedy, foi vítima da mesma onda de fãs furiosos, que a culpavam pela “doutrinação” dentro da saga e exigiam o retorno de George Lucas para o comando da operação.

Segundo Kellner (2001), a melhor maneira de desenvolver teorias sobre mídia e cultura é realizando estudos específicos dos fenômenos contemporâneos, investigando o que se passa naquele momento histórico social. Assim sendo, considerando a conjuntura em que Rey está inserida, é possível perceber uma dualidade em seu impacto no público. Uma pesquisa feita pela Quantcast⁵ com apreciadores da saga reiterou os dados acerca da rejeição Rey, porém, também demonstrou que a parcela de fãs da personagem é majoritariamente feminina e jovem. Levando em conta o objetivo da trilogia mais recente de atrair novos espectadores para a saga, Rey é bem sucedida no sentido de impactar uma lacuna existente no mercado, apelando a uma categoria de mulheres que clamavam por enxergar figuras femininas que apresentam identidade e força dentro de suas narrativas. Em contrapartida, um

⁴ MORRIS, Tom. **The Fandom Menace: Profiling Star Wars' Influential Fanbase**. Blog GWI, 2019. Disponível em: <https://blog.gwi.com/chart-of-the-week/star-wars-influential-fanbase/>.

⁵ CUCCINELLO, Haley. **Luke Skywalker Fan? You Probably Work In Business: 'Star Wars' Fan Insights From Demographic Data**. Forbes, 2015. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/hayleycuccinello/2015/12/16/luke-skywalker-star-wars-fan-insights-from-demographic-data/?sh=30d2a0d0344a>

grupo conservador de fãs da franquia menospreza a personagem e as críticas acerca de sua jornada acontecem de maneira descabida, se tornando desproporcional à qualquer outro julgamento destinado aos personagens masculinos na saga.

Além disso, ao examinar a disparidade nos números de faturamento de cada filme da trilogia, é possível interpretar que a empolgação do público em relação a essa nova fase vai decrescendo ao longo de cada lançamento. Conforme dados do site IMDB Pro⁶, o primeiro episódio da trilogia foi o filme mais rentável, arrecadando \$936,662,225. Já o Episódio IX, lançado em 2019, obteve \$515,202,542, quase metade do valor do primeiro. De acordo com Metz (1982), é vital que a indústria se empenhe em captar a audiência para dentro das salas de cinema, a fim de manter a auto-reprodução do sistema e permitir que o investimento arrecadado continue girando o mercado.

A característica própria de toda a verdadeira instituição é a de ser ela a encarregar-se dos mecanismos da sua perpetuação - , não há outra solução senão a de instalar dispositivos que tenham como finalidade e efeito dar ao espectador o desejo espontâneo de frequentar as salas e de pagar o acesso a elas. (METZ, 1982, p. 13)

Como dito anteriormente, a troca de equipe de roteiristas a cada novo filme da trilogia contribuiu para uma falta de conexão no enredo, e, no decorrer dos episódios, o público perde a empolgação que existia durante a expectativa do lançamento do Episódio 7: O Despertar da Força. O fator de descontentamento do público impulsiona, ainda mais, o uso dos personagens antigos como dispositivos narrativos para apelar ao sentimento de nostalgia e para atrair os fãs ao cinema. Dessa maneira, as circunstâncias construídas no roteiro não permitem que Rey explore, de forma independente, a sua própria jornada, o que repercute na perda de oportunidades para alcançar o patamar de ícone, já atingido pelos personagens predecessores que retornam à saga.

⁶ Box Office Mojo, 2022. Disponível em:
https://www.boxofficemojo.com/franchise/fr3125251845/?sort=grossToDate&ref_=bo_fr__resort#table

3. CONCLUSÃO

Por meio do desenvolvimento dessa pesquisa, tornou-se possível produzir uma análise da personagem Rey a fim de entender se sua jornada é influenciada pelas teorias feministas no cinema, levando em consideração o fato histórico de que Rey é a primeira mulher protagonista dentro da saga Star Wars.

Em um primeiro momento, se fez necessária a compreensão da importância do imaginário social e da cultura de mídia, entendendo como a indústria cinematográfica é uma das principais ferramentas dentro desses conceitos. De acordo com Pires e Silva (2014), o cinema, como artefato cultural, pode e deve ser explorado como forma de dispositivo que contribui para a construção de significados sociais, desdobrando e restringindo a realidade ao mesmo tempo. A partir daí, compreendeu-se a forma com que esses imaginários atuam nas figuras femininas do cinema e, estudando o histórico das representações de gênero, pode-se perceber que, segundo Gubernikoff (2009), a posição da mulher na narrativa dos filmes hollywoodianos é quase sempre enraizada em noções preconcebidas e datadas do papel feminino na sociedade, sendo tratadas como coadjuvantes à seus pares masculinos.

A inserção de figuras femininas em produtos midiáticos de grande circulação determina a necessidade de um estudo envolvendo o contexto fabricado e as consequências de tais representações no imaginário percebido pelo espectador. Sendo assim, foi feita, posteriormente, uma recapitulação das outras personagens femininas na saga de Star Wars, com o intuito de verificar o caminho trilhado até o momento de protagonismo de Rey na história. A partir dessa avaliação, foi notado um padrão recorrente na história das duas personagens mais relevantes, Padmé e Leia. O padrão em questão mostra que as ambições almejadas pelas duas são, constantemente, desviadas do centro da narrativa a fim de favorecer o arco de algum outro personagem masculino na história.

Em seguida, discutiu-se a forma como a personagem Rey foi comercializada no papel de protagonista durante a divulgação dos filmes, analisando os primeiros pôsteres oficiais lançados para o Episódio 7: O Despertar da Força. Diante disso, ao destrinchar o arco vivido por Rey em sua trilogia, notou-se que a personagem tem pontos positivos e negativos para serem levados em consideração. Principalmente em sua introdução no primeiro filme, Rey é uma figura forte, certa de suas escolhas, com senso apurado de ética e moral e que não é objetificada no decorrer de seu trajeto. Entretanto, foi observado que ao longo da trilogia, o arco de Rey é enfraquecido em favor de outros personagens, como Kylo Ren e o próprio

Luke Skywalker. A presença de heróis icônicos nos filmes acaba por ofuscar as pretensões da protagonista na trama, de forma que Rey e a audiência sentem um misto de admiração e nostalgia diante de figuras tão marcantes na saga. Além disso, constatou-se que a mudança na equipe de produção dos filmes influenciou diretamente no desenrolar da narrativa, tendo em mente que o roteiro foi pensado a cada episódio e não considerando a trilogia como um todo.

Por fim, a partir dos insumos coletados no presente artigo, conclui-se que, apesar de representar avanços significativos dentro da saga Star Wars no que tange o imaginário social feminino, Rey ainda é uma figura mal aproveitada, considerando o nível de influência exercido por uma franquia como Star Wars. Segundo Moraes (2012), produções desse porte alcançam uma habilidade de poder sob o público atingido, se transformando em dispositivos de difusão de imagens capazes de caracterizar a sociedade de seu tempo. Assim sendo, a primeira protagonista feminina da saga, Rey, tinha plena capacidade de atingir o patamar de ícone dentro da saga mas seu potencial não é contemplado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Marcio. **A teoria feminista vai ao cinema: configurações e reconfigurações do feminino na tela**. Vozes e Diálogo, v. 14, n. 01, 2015.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 1985.

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

DE ARAUJO MORAIS, Janaina. **Relações de Gênero e Cinema: a figura feminina no filme Potiche**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2012.

DUTRA, Camila. **CONSUMO, REPRESENTAÇÃO E AGÊNCIA DO FEMININO NO CINEMA COMERCIAL**. 2017.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Conexão-Comunicação e Cultura, v. 8, n. 15, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Edusc, 2001.

KUHN, Annette. **Cinema de mulheres: feminismo e cinema**. Madri: Cátedra Signo e Imagem, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

LAURETIS, Tereza de. **Alice Doesn't: feminism, semiotics, cinema: an introduction**. London: The Mainillan Press, 1978.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de sociologia e política, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Papirus Editora, 2000.

MEEHAN, Eileen. **Gendering the Commodity Audience: Critical Media Research, Feminism, and Political Economy**. Oxford: Blackwell, 2002

METZ, Christian. **The imaginary signifier: Psychoanalysis and the cinema**. Indiana University Press, 1982.